



A Melhor Mãe do Mundo



Eu e Meu Avô Nihonjin



Sexa



Manas



Homem com H



Nó



O Filho de Mil Homens



Kasa Branca



Caramelo

processar a partir da metástase do machismo. O “namorado” de Gal, o segurança Leandro (Seu Jorge), segue uma (de)mentalidade bárbara segundo a qual “mulher minha tem que transar comigo todo dia”. Sob tal bandeira, ele justifica crimes, num gesto de objetificação, de posse. Só não contava com a astúcia que existe na resiliência: Gal mete o pé. Leva o coração da gente junto.

**HOMEM COM H, de Esmir Filho:** Com cerca de 640 mil ingressos vendidos, a cinebiografia do cantor Ney Matogrosso, hoje na Netflix, promove uma requintada autópsia em corpo vivo do companheirismo. Todas as músicas que fizeram do bardo um ícone de transgressão estão em cena, associadas a uma mesmerizante perfor-

mance de corpo (e alma) do ator Jesuíta Barbosa. A fotografia de Azul Serra faz subir a temperatura e a pressão de cada quadro.

**O ÚLTIMO AZUL, de Gabriel Mascaro:** Celebrizado no planisfério cinéfilo depois de ganhar o Grande Prêmio do Júri da Berlinale, esta aventura fluvial contra o etarismo mostrou ao mundo a gigante que Denise Weinberg é quando se põe diante das câmeras. Ela encarna Teresa, uma funcionária de um curtume amazônico que, ao passar dos 70 anos, é condenada a um campo de concentração para idosos. Sua única saída: buscar nos afluentes do Amazonas o acalanto da escapada. Um barqueiro de coração partido (Rodrigo Santoro) será seu aliado nessa jornada, de um colorido sensualíssimo.

**SEXA, de Gloria Pires:** Campeoníssima de bilheteria, a estrela da franquia “Se Eu Fosse Você” (2005-2009) aposta numa aventura por trás das câmeras, falando da aceitação da passagem do tempo numa sociedade pontuada pelo etarismo e sexista até dizer chega. Além de dirigir, ela atua, no papel de uma revisora de livros que, ao completar 60 anos, vive uma paixão por um técnico de Informática viúvo (Thiago Martins). Isabel Filardis brilha em cena no papel daquele tipo de amiga que faz palavra “amizade” ganhar um colorido redentor e analgésico.

**MANAS, de Marianna Brand:** Longa ganhador do Director’s Award da Giornate degli Autori do Festival de Veneza e do Prêmio da Première Brasil, dado à

sua atriz principal, Jamilli Correa. Sua trama testemunha o processo de maturidade a fórceps de Marcielle/Tielle (Jamilli), de 13 anos, num ambiente assombrado pela brutalidade contra as mulheres, nas águas da Ilha do Marajó (PA). Dira Paes é um dos destaques do elenco.

**NÓ, de Laís Melo:** O ganhador do Kikito de Melhor Realização do Festival de Gramado de 2025 inventaria agressões às vivências femininas, mas também resiliência. Glória, sua personagem central, vivida por Saravy, é operária numa fábrica de alimentos, que faz aqueles pipocões doces do saco rosa. Tem três filhas. Tem amigas fidelíssimas. Tem fé no Santo, batendo cabeça para as entidades que lhe abrem caminho. Mudou para

o Centro, com o intuito de dar às suas meninas uma vida melhor, próxima da escola. No emprego, ela engata num processo seletivo que pode lhe assegurar um aumento... de tarefas e de salário. Tudo parece bem, mas parecer e ser... na linhagem de filmes sobre opressão laboral em que Laís insere o longa... não são sinônimos. O notável desenho de som de Tulio Borges agrava os silêncios de Glória.

**KASA BRANCA, de Luciano Vidigal:** A vertente histórica do naturalismo, que vem lá da prosa literária, com “O Cortiço”, é usada nesta crônica de alianças numa perspectiva solidária (e não catastrofista), a fim de ilustrar a vida de três jovens amigos num cotidiano de reeducação afetiva: Dé (Big Jaum), Adrianim (Diego Francisco) e Martins (Ramon Francisco, hilário). O trio vive os perrengues de uma cidade que isolou bairros e municípios distantes do mar, padecendo de um serviço de saúde deficitário na rede hospitalar pública. Apesar das várias dificuldades, a galera não esmorece. Retinas se encantam pela fotografia de Arthur Sherman, premiada no mesmo Festival do Rio em que Vidigal ganhou a láurea de Melhor Direção.

**CAMELO, de Diego Freitas, e O FILHO DE MIL HOMENS, de Daniel Rezende:** Em meio a todo o debate acerca da regulação do streaming, a Netflix apostou na criação de conteúdo nacional originalíssimo, com dois filmaços que explodiram em audiência na plataforma no segundo semestre. De um lado, a saga de um chef de cozinha condenado à dor por uma doença terminal encontra num cãozinho uma esperança, atestando a força da natureza que Rafael Vitti é. Do outro lado vem a primeira adaptação de um livro do escritor luso Válder Hugo Mãe, com foco na isca e no anzol que o pescador Crisóstomo (Rodrigo Santoro, brilhante) joga ao mar, dia após dia, em sua fome de peixe bom e em seu sonho de ter um filho.

**EU E MEU AVÔ NIHONJIN, de Celia Catunda:** Amparada numa direção de arte de colorido lívido, inspirada pelas pinturas do urbanista Oscar Oiwa, a realizadora por trás do fenômeno “Peixonauta” nos apresenta a vontade de potência de Noboru, um descendente de imigrantes do Japão, que passa a investigar a história de sua família após ouvir as memórias do avô. Ao longo dessa jornada animada, ele descobre a existência de um tio misterioso e reflete sobre o que significa ser nipo-brasileiro, entre tradições herdadas e o desejo de pertencer a dois mundos. Ken Kaneko e Pietro Takeda integram o elenco de vozes desta animação regada pelos acordes de uma trilha original de Márcio Nigro e André Abujamra.